

CONTRACORRENTE ENTREVISTA ENTREVISTA COM FILINTO ELÍSIO

Érica Antunes Pereira (Grupo de Estudos Cabo-verdianos CNPq-USP)¹

Simone Caputo Gomes (USP-Academia Cabo-verdiana de Letras)²

220

RESUMO

Entrevista do escritor cabo-verdiano Filinto Elísio às professoras Simone Caputo Gomes e Érica Antunes Pereira.

Palavras-chave: Filinto Elísio; literatura cabo-verdiana; literaturas africanas de língua portuguesa.

ABSTRACT

Interview of the Cape Verdean writer Filinto Elísio by the teachers Simone Caputo Gomes and Érica Antunes Pereira.

Keywords: Filinto Elísio; Cape Verdean literature; African literature in Portuguese

Esta entrevista se deu em dois momentos: ao vivo, na cidade da Praia, quando da viagem das entrevistadoras a Cabo Verde, em 2011, no âmbito de pesquisas do Grupo de Estudos Cabo-verdianos de Literatura e Cultura CNPQ/USP, e em 2015, online diretamente de Lisboa, para efeito desta publicação.

Filinto Elísio (Correia e Silva) é cabo-verdiano, natural da cidade da Praia, Cabo Verde. Poeta, cronista, romancista, ensaísta, dinamizador cultural, apresenta uma obra já vasta e diversificada, composta dos seguintes volumes: *Do lado de cá da rosa* (poesia, 1995), *Prato do dia* (crônica, 2001), *O inferno do riso* (poesia, 2001), *Das Hespérides* (poesia, crônica e fotografia, 2005), *Das frutas serenadas* (poesia, 2007), *Li Cores & Ad Vinhos* (poesia, 2009), *Outros saís na beira-mar* (romance, 2010) e *Me_xendo no baú. Vasculhando o U* (poesia, desenho, DVD com poesia declamada, 2011). No campo do ensaio, organizou a coletânea *Cabo Verde: 30 anos de cultura* (2005). Escritor assíduo, tem vários volumes literários aguardando publicação, sempre com o intuito de “desoficinizar a poesia e, por extensão, o discurso literário, sempre por novos caminhos”.

Bibliotecário e administrador de empresas por formação, foi assessor do Ministro da Cultura de Cabo Verde e professor de matemática em Boston e Somerville, nos Estados

Unidos da América. Atualmente, exerce a função de Conselheiro do Primeiro-Ministro de Cabo Verde e é Consultor Internacional e Administrador do semanário *A Nação*, Cabo Verde. É Membro da Associação dos Escritores Cabo-verdianos e Membro-Fundador da Academia Cabo-verdiana de Letras; e ainda Membro-correspondente da Academia Cearense de Letras e da Academia Imperatrizense de Letras (Brasil).

Simone Caputo Gomes: Fale-nos um pouco sobre sua obra, *Filinto*. Do debutar na escrita até as produções mais recentes, dos caminhos percorridos.

Filinto Elísio: *Do lado de cá da rosa*, lançado em 1995, foi um livro iniciático, intimista, tateante ainda da minha liberdade e da minha subjectividade enquanto artífice do meu projeto poético-existencial. Por isso, levava a minha inocência primeva, diria uma primitiva Poesis...

Para o leitor jovem, *O inferno do riso*, o meu terceiro livro, parece-me interessante; versa sobre os quatro elementos primordiais em verso livre. Para o leitor já iniciado nas artes da poesia, *Li Cores & Ad Vinhos*, meu cabalístico sétimo livro, ousa trazer o soneto para a literatura moderna, experimentando reformatar a ideia de um certo barroquismo.

Meus livros subsequentes a *Do lado de cá da rosa* foram paulatinamente adicionando peças que considero mais arrojadas no conjunto da minha poética, manipulando com mais consciência a força atomizada e metafórica da palavra, até chegar a *Me_xendo no baú*. *Vasculhando o U*, obra multimídia (poesia, pintura, recitação, drama) que concebi como, residualmente, alquimia entre a plástica e a poética. Em parceria com o artista plástico Luís Geraldes, levanto no livro a problemática das texturas do texto. Neste livro meu objetivo foi realizar uma “arte total” nesta nossa contemporaneidade em que ler não se resume ao livro. Escapamos da caixa biblio e avançamos para outras caixas, como o suporte digital, pois estamos em tempos de coabitação entre várias soluções tecnológicas de leitura, sob a matriz da essencialidade do livro. Os poemas, no *Me_xendo...*, são também veiculados por DVD, com declamação de João Branco (personalidade ímpar representativa do teatro em Cabo Verde) e Nancy Vieira (uma das intérpretes consagradas da nossa música). As janelas do livro foram abertas ainda para a pintura do luso-australiano Luís Geraldes, pela afinidade ente nossas concepções artísticas. Assim, a poética pode ser inscrita no livro, nas pinturas, em tatuagens corporais, em grafites dos murais, nas declamações em DVD, nas coreografias e a

grafia dos poemas pode sofrer incisões para potencializar essa Poesis ou criação em sentido lato

Me_xendo no baú. Vasculhando o U é um livro de reverberações, ao mesmo tempo, crioulas, cabo-verdianas, e filosóficas, unindo o nacional e o universal. Já disse algures que sou universal, um cabo-verdiano que, pelo seu sentir humanista, posiciona-se como cidadão do mundo. Sou ilha e cosmos. Creio assim que consegui transpor, neste livro, a perspectiva do conflito social, contingencial e emocional, trabalhando de uma forma mais cerebral, no sentido cabralino (João Cabral de Melo Neto) da poética. O poema é concebido como objeto lapidado e o livro, pelo suporte da pintura, exige um formato de mesa; a declamação aponta para a palavra coreografada, mais que musicada.

Érica Antunes Pereira: E o seu sétimo livro, que chama de “cabalístico”? Parece-me que tem a intenção de provocar no leitor uma outra experiência estética... diferente da experiência mais radical do *Me_xendo no Baú. Vasculhando o U...* É como se fosse um meio do caminho dessa virada para experiências poéticas mais ousadas...

Filinto Elísio: Com a participação plástica de Mito (Fernando) Elias, cabo-verdiano consagrado nas artes plásticas e na declamação de poemas, *Li Cores & Ad Vinhos* (2009) é um texto dos sentidos, na trilha de Rimbaud, do desregramento dos sentidos: todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura, todos os venenos e suas quintessências. O título aponta para a concretude poética, em duas vertentes: a sensorial, quando pretende ser plástico, sugerindo “ler” cores, e etílico, sugerindo a degustação dos licores. A segunda expressão do binômio indicia as sensações inebriantes dos vinhos, o aspecto dionisíaco, e ao mesmo tempo o adivinhar, prever, perceber os mistérios da vida. Creio ser um livro que não se atém ao vetor da “claridosidade”, da inserção explícita no espaço físico e social cabo-verdiano. Tentei recortar as palavras com outros cuidados (como nos sonetos, só que em contextos pós-modernos, porque creio que, mesmo quando “sonetizo”, sou pós-moderno e faço parte de um círculo de escrita e de leitura pós moderna, de uma sociabilidade a nível global) e busquei jogar nos poemas conteúdos e sensações múltiplas em combustão.

O diálogo com outras artes comparece no desenho criativo de Mito, como outra forma de poesia, paralela e complementar à poemática verbal do livro. Esse tipo de interlocução será radicalizada em *Me_xendo no Baú. Vasculhando o U*, agregando outras formas de expressão e arte à poesia.

Simone Caputo Gomes: Que autores lhe causam, atualmente, o prazer da leitura?

Filinto Elísio: São muitos os poetas que me dão prazer. Vou citar alguns: Maiakóvski, Baudelaire, Leminski, Borges, Senghor, Sophia. Cabo-verdianos, gosto de Arménio Vieira, Corsino Fortes, José Luiz Tavares, Oswaldo Osório e Valentinous Velhinho (Valdemar Valentino Velhinho Rodrigues), para enumerar alguns.

Érica Antunes Pereira: Que semelhanças você pensa sobressaírem entre Brasil e Cabo Verde que possibilitam estreitar a relação entre esses dois países?

Filinto Elísio: As relações entre Brasil e Cabo Verde são intensas do ponto de vista formal e mais intensas ainda do ponto de vista informal. Do ponto de vista formal, nas suas várias vertentes: relacionamento comercial, relacionamento cultural e literário, isso mostra e segue uma linha histórica. Não é de hoje que o relacionamento informal existe, pois o Brasil sempre foi, para os cabo-verdianos, uma inspiração terceira, uma visão outra que não fosse esse binômio às vezes até desigual entre Cabo Verde e o antigo colonizador, Portugal. O Brasil permaneceu, no imaginário coletivo dos cabo-verdianos, sobretudo da elite cabo-verdiana, como uma terceira via extremamente importante, senão mesmo uma âncora. Aliás, a história nos diz que a elite cabo-verdiana, no período histórico particular da independência do Brasil, com a Constituinte no Rio de Janeiro, teve um forte movimento de autonomia, propondo a independência de Cabo Verde em associação com a Constituinte do Rio de Janeiro. Isso foi muito oprimido aqui, desmantelado, e também no Brasil essa ideia de proximidade foi atacada de pronto pelo então poder colonial. O Brasil tinha que abrir mão do texto em que se associava a Cabo Verde para que fosse reconhecida a sua independência por Portugal. Apesar disso, houve grandes comoções sociais em Cabo Verde que tiveram o Brasil como paradigma, como a “Revolta dos engenhos”, que fala do Brasil como país do imaginário, libertado, livre; para os cabo-verdianos, sobretudo na Ilha de Santiago (considerada “ilha dos negros”), essa visão do Brasil provocou no seu imaginário um sentido libertário.

Do ponto de vista cultural, essa relação é ainda mais premente, sobretudo na música. Logo vamos ver que todo o cancionário cabo-verdiano que pode ter sua expressão na morna, na coladeira e em outras canções cabo-verdianas tem uma forte tônica – para não dizer toada – brasileira. A coladeira, por exemplo, na primeira e intensa fase do Mindelo, tem claramente

a tônica do encontro com o Brasil pelos marinheiros: sente-se a toada de sorna, a toada do chorinho, em várias canções cabo-verdianas.

Além disso, não é de conhecimento geral, mas também os ditos nativistas cabo-verdianos tiveram muita proximidade com os ditos nativistas brasileiros. A geração dos anos 1930, a consagrada “Geração Claridosa”, assumiu o paradigma dos brasileiros, sobretudo no tocante ao regionalismo modernista do Nordeste. O manifesto modernista ficou subentendido na *Claridade*, enquanto revista, e no ambiente claridoso, enquanto movimento (se é que podemos realmente chamá-lo de movimento).

Afora isso, toda a literatura cabo-verdiana, até a dita moderna ou moderníssima, continua a ter no Brasil fontes inspiradoras, mesmo quando de parte a parte essas literaturas não sejam muito ligadas à afirmação do regional, do nacional. Há afinidades entre escritores, de parte a parte, mesmo na minha geração e quem sabe os mais modernos. Há dias estive a reler José Luiz Tavares, que pertence a uma geração que segue um pouco a minha e que mostra uma abertura no seu fazer poético, que se encontra também em várias gerações modernas brasileiras.

Mas eu não queria me limitar apenas à questão cultural e à questão literária. Nesse momento, tivemos uma grande aproximação com o Brasil nesse querer cabo-verdiano de buscar a âncora – cada vez mais se fala, nessa geração, que é preciso buscar uma parceria especial com o Brasil, como já temos com Portugal. Para um país situado no meio do Atlântico, uma associação com o Brasil é muito importante; Cabo Verde, como país do Atlântico Médio, só se realiza se tiver também a sua expressão ao sul, e ela se afirma ao se aproximar estrategicamente da Argentina, de Angola e, acima de tudo, do Brasil. Temos uma ligação consolidada com o Atlântico Norte (somos parceiros da Europa, dos Estados Unidos), mas falta-nos cumprir essa função de “meio”, de país charneira, e formalizar relações de estratégia, especialmente com o Brasil. Isso, na prática, torna-se um novo surto comercial: toda a dinâmica cabo-verdiana, sobretudo a informal, que é a mais premente hoje em Cabo Verde, tem no Brasil o seu espaço de manobra e de inspiração. As vendedeiras – sacoleiras, como os brasileiros chamam, ou as rabidantes, como aqui as denominamos – têm o Brasil como espaço fundamental e são, seguramente, uma grande força socioeconômica de Cabo Verde.

Outro aspecto importante de proximidade entre Brasil e Cabo Verde tem sido as nossas políticas e as relações multilaterais. Isso também devemos um pouco à política do governo brasileiro, sobretudo com o Presidente Lula, que priorizou a política externa brasileira em relação aos países do sul e à África em particular. Ele fez uma visita oficial a

Cabo Verde, o que não ocorria desde Sarney, e fechou o mandato com um grande certame internacional na Ilha do Sal, ou seja, um encontro entre Brasil e África Ocidental realizado em Cabo Verde. Esse cenário é paradigmático para mostrar que cumplicidade, no bom sentido, Brasil e Cabo Verde podem ter para a maior proximidade do Brasil em relação à África.

O povo cabo-verdiano conhece cada vez mais o Brasil nas suas várias dimensões: telenovelas, revistas. Graças ao trabalho vosso e de algumas outras universidades, Cabo Verde começa a ser conhecido em outras vertentes no Brasil: ciência, arte, literatura em particular. Isso reforça o vetor: éramos potencialmente amigos, mas agora somos inequivocamente amigos e próximos. Há vários fatores de semelhança circunstanciais e estruturais. Os fatores estruturais são, sobretudo, históricos e antropológicos, porque um certo Brasil é de composição humana cabo-verdiana. Assim, cada vez mais estamos “coadunados” a andar juntos e a reforçar essa relação.

Raramente, no Brasil, os cabo-verdianos sentem-se estrangeiros. Sentem que é um país diferente, mas dentro de uma especificidade maior, que é a especificidade da criouldade, uma criouldade menos esbatida que a nossa, que consiste na criouldade de etnias e raças primárias que se cruzam. Mas o Brasil é também uma decantação antropológica.

Temos todas as condições para sermos parceiros no futuro, e isso se deve à semelhança, à complementaridade, às identidades.

Simone Caputo Gomes: Como você conheceu e o que já leu da literatura brasileira?

Filinto Elísio: Ainda na minha primeira infância, nas reuniões familiares, eu apresentava o teatrinho de crianças em que o meu papel era declamar “Irene preta/Irene boa/Irene sempre de bom humor/Imagino Irene entrando no céu [...]”, de Manuel Bandeira. Li muito da literatura brasileira e quase digo uma heresia: que li a literatura brasileira com a mesma intensidade que li a cabo-verdiana. Tenho contato com a literatura brasileira desde criança, de ouvir ler, do “id”, com Ribeiro Couto, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis e tantos outros grandes autores. Tive a sorte de fazer parte de uma família que tem o Brasil como esse tal modelo mítico de leitura, de arte relativa à música brasileira, de se dançar a música brasileira e fazer concurso desde o xaxado, do xote, do baião. Lembro-me dos meus pais dizendo que dança brasileira não era só samba, que havia outros estilos. Se calhar, por termos sido uma família nacionalista (expressão que hoje já não tem a mesma cara), era preciso ser parecido com o Brasil, para mostrar a diferença. Cultivamos sempre a música brasileira, o falar brasileiro, o ouvir jogral de São

Paulo gravado em vinil. Para nossa família, Fernando Pessoa entrou em “brasileiro”! Era pelo jogral de São Paulo que ouvíamos os poemas de Fernando Pessoa. Ainda hoje, o poema “Tabacaria” me vem à memória com o acento do jogral de São Paulo. Já ouvi “Tabacaria” em Portugal, mas me parece que o autêntico é o outro, o da infância. O Brasil também funcionou, para nós, como trânsito para a literatura portuguesa, importante para nossa formação.

Pessoalmente, fiz a minha formação acadêmica no Brasil, onde morei, e isso também me permitiu ver e acompanhar a literatura brasileira. Lembro-me de ter encontrado Ferreira Gullar logo depois de o Prêmio Camões ter saído a Arménio Vieira e ter-lhe dito: “Interessante era se o próximo fosse você”. E foi mesmo! Isso não por eu ser bruxo, mas pelo fato de haver uma linha que me parecia muito lógica e que unia a obra dos dois poetas.

Além dos autores que estão no cânone brasileiro, conheço também poetas novos e geniais, como Dimas Macedo, Leminsky, entre outros.

Érica Antunes Pereira: Que diálogos você destacaria entre a literatura brasileira e a literatura cabo-verdiana?

Filinto Elísio: O Brasil tem, para nós, uma espécie de gavetas de paradigma. Dos nativistas até hoje, temos um Brasil não só inspirador, mas também interlocutor. Em cada tempo, os poetas cabo-verdianos têm a sensação de poder escrever a carta a Ribeiro Couto que Jorge Barbosa fez em “Você, Brasil”. Obviamente, como novos tensionamentos, novas formas de “poetar”. Por isso, eu acho que o diálogo é quase total e, inclusive, pelos ditos moderníssimos: é o caso de Mito, que apresentou em São Paulo, no I Seminário Internacional de Estudos Cabo-verdianos (na Universidade de São Paulo, 2008), a proposta de trazer a poesia para fora do formato, numa desconstrução de forma, inclusive de sintaxe, e dialogando com a juventude brasileira como parte da tribo.

Simone Caputo Gomes: Como tem sido a recepção brasileira de sua obra?

Filinto Elísio: No que toca à crítica, com algum impacto, sendo desenvolvidas, no momento, duas teses de Doutorado na Universidade de São Paulo sobre minha obra, orientadas por esta professora Simone Caputo Gomes. Mas a recepção ainda é muito reduzida em termos de público, porque os livros cabo-verdianos ainda encontram pouco espaço para publicação no mercado editorial brasileiro. As antologias também são raras, e destaco as iniciativas de Ricardo Riso e de Érica Antunes Pereira e Simone Caputo Gomes, que têm

apresentado produção nesse segmento. Tirando o Ceará, onde já lancei dois livros, e São Paulo, onde em meios acadêmicos minha escrita é estudada da Graduação ao Doutorado (e já estive lá em interlocução com alunos de Letras, o que foi instigante para a avaliação desta recepção), bem como em Imperatriz, em que sou membro da Academia de Letras maranhense, o Brasil é um fabuloso espaço a ser conquistado, no que diz respeito à maior interação com leitores. O meu romance *Outros sais na beira mar* e os livros de poesia *Li Cores & Ad Vinhos* e *Me_xendo no Baú. Vasculhando o U*, levados para venda em lançamentos universitários, com palestra e discussão subsequente, já fizeram um percurso tímido, mas promissor, pelo Brasil, gerando as teses citadas, em desenvolvimento.

¹ **Simone Caputo Gomes:** Doutora em Letras (Literaturas de Língua Portuguesa) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Pós-doutora pelas Universidades de Coimbra (Literaturas Africanas de Língua Portuguesa), Lisboa (Poesia Portuguesa Contemporânea), Lisboa (Poesia Africana de Língua Portuguesa) e Aveiro (Literatura Cabo-verdiana). Condecorada pelo Presidente da República de Cabo Verde, em 2007, com a Medalha do Vulcão de Primeira Classe. Membro Honorário da Academia Cabo-verdiana de Letras. Obras principais: *Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe* (1993), *Cabo Verde: literatura em chão de cultura* (2008), *Arménio Vieira Prêmio Camões 2009* (Livro na Rua, Biblioteca do Cidadão CPLP, 2009), *Literatura cabo-verdiana: seleta de poesia e prosa em língua portuguesa* (2015).

² **Érica Antunes Pereira:** Doutora em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Pós-doutora pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Aveiro, com pesquisas sobre as relações da Literatura Cabo-verdiana com o Brasil, com supervisão, respectivamente, de Simone Caputo Gomes e António Manuel Ferreira. Autora da obra *De missangas e catanas: a construção social do sujeito feminino em poemas angolanos, cabo-verdianos, moçambicanos e são-tomenses* (2013) e co-organizadora (com Simone Caputo Gomes) da coletânea *Literatura cabo-verdiana: seleta de poesia e prosa em língua portuguesa* (2015).